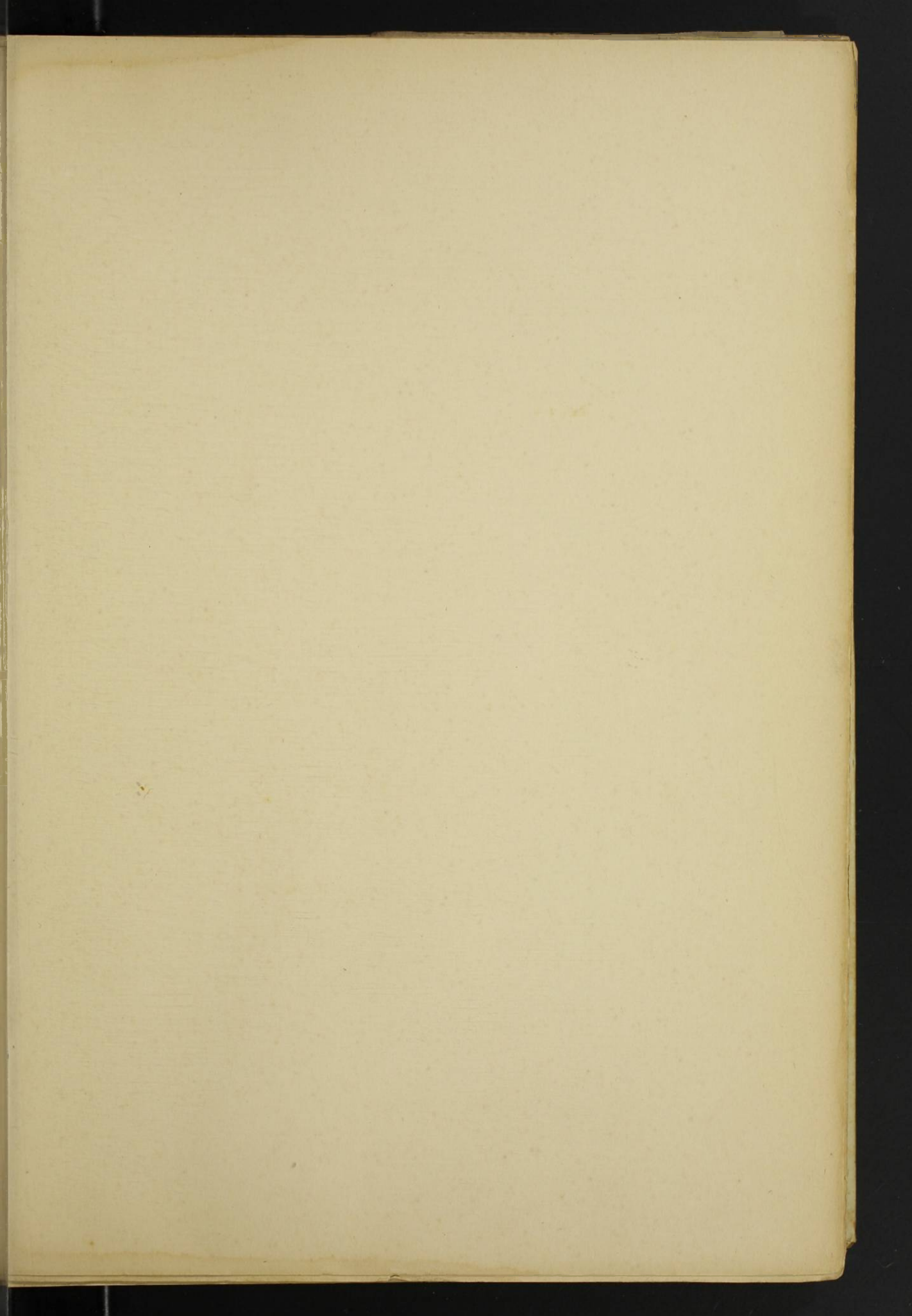
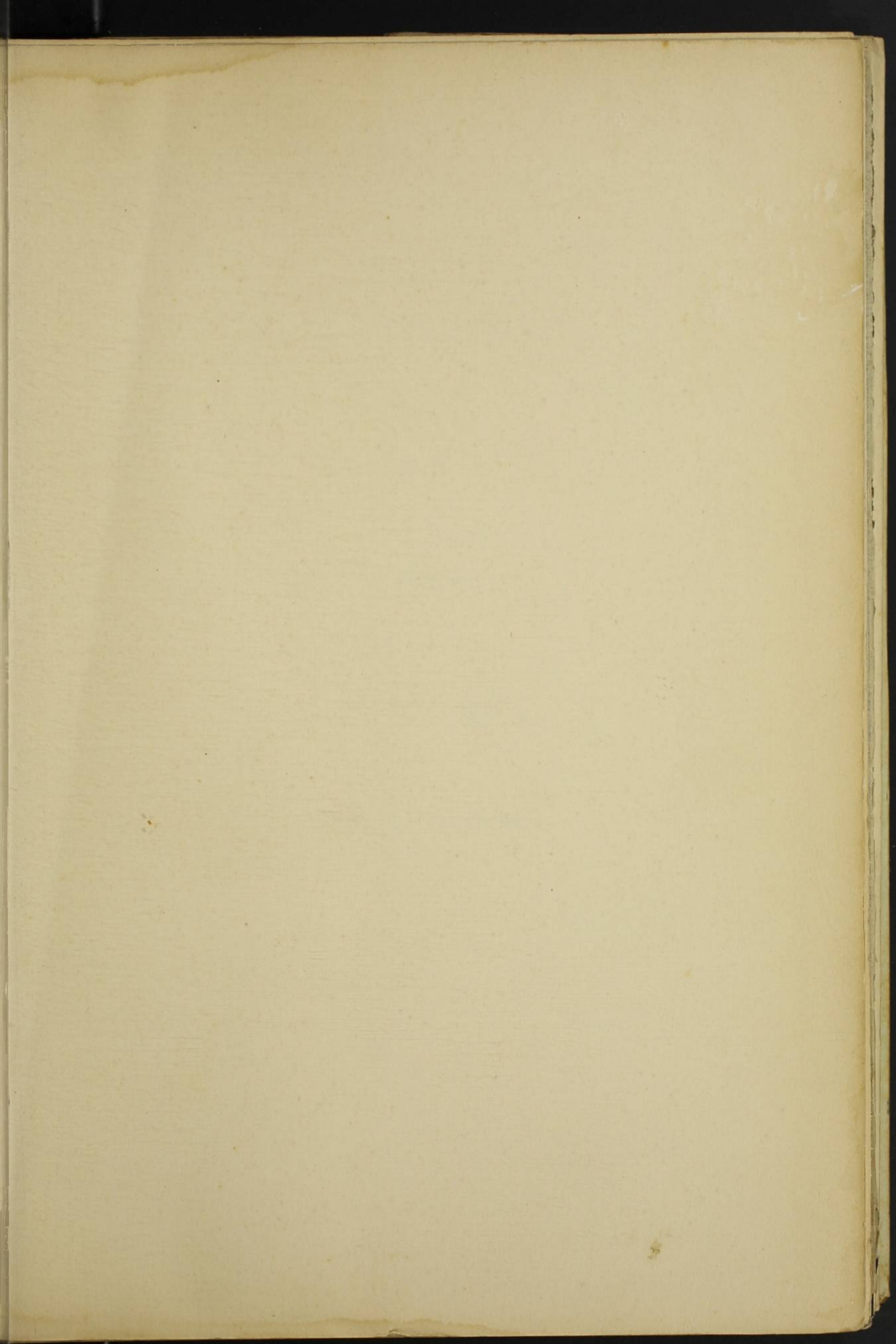


O
MARINHEIRO
E A
NOIVA







O
MARINHEIRO

E A
NOIVA

POEMAS
DE
JOEL SILVEIRA

o amador de poemas

O MARINHEIRO
e a noiva

ILUSTRAÇÕES

de

DAREL

Oh! em música pôr o que eu então sentia.

MANUEL BANDEIRA

É apenas um prenúncio do mistério.

VINICIUS DE MORAES

O MARINHEIRO
e a noiva

O mar é a tua voz
E a tua ausência, a treva noturna
que a quilha não rompe
Também é teu o silêncio
o cintilar de tôdas as estrêlas
e o vento que desata dentro da noite o teu véu
de noiva
O teu hálito morno vem das profundezas abis-
sais
e o teu sorriso se mostra, cândido,
quando, como lábios úmidos, as vagas se abrem

ANGÚSTIA do
marinheiro

Quero ir

Oh! o irresistível convite azul do mar

larga estrada aberta a todos os portos e às falas

Inútil não querer escutar o teu chamado vindo
das ondas

e do azul

Não o azul estático do céu, caminho inerte

morto como um prado

Mas o azul do mar, o multiplicado caminho azul

– correia circulante dêste inquieto motor que
é o mundo

Quero ir

Dolorosa angústia de estar preso ao chão como
um mausoléu

e de saber que neste instante preciso

noutras partes da terra

alguém tiritar de frio, acendem-se lareiras

e vulcões se derretem em fogo

Quero ir
que êste porto já não serve
e os frutos plantados nasceram azedos
Cada bandeira que tremula num mastro de
navio
é uma despedida irônica a doer

Quero ir
Aqui é o mesmo sol, sempre o mesmo, obses-
são flamejante
O bonde não descobre mais ruas
Leonor já não tem surpresas
Deixei meu nome na portaria de todos os hotéis
Não importam desencantos e sobressaltos
que inevitavelmente me esperam no fim de
cada caminho
Sêde, frio, bússola quebrada, tempestades e
maremotos, nada importa

Quero ir
Me soltem no mar como uma quilha
e me deixem ir

CANTO humilde

Orvalho para nós, Leonor,
é o que peço

As venturas foram tôdas desperdiçadas
e o amor nos encontra no meio do caminho
Agressivo é o passado, agora, e mortal
Os pequenos acontecimentos estão maiores e
doem

Na distância se esvai o sossêgo dos acalantos

Orvalho para nós, Leonor,
é o que peço
Benção dos céus, pureza dos anjos,
esquecimento sem renúncias
Sòmente o Amor, nada mais, como dizem fôra
no Princípio

Orvalho para nós, Leonor, é o que peço

Primavera de Deus que faça um cravo verme-
lho

de cada traição
e que apague com pétalas onde os dias
displicentes
permitiram o lôdo se juntasse

Orvalho para nós, Leonor

CANTO espêso

I

A flor, o homem a colheu. Já não há mais
lábios virgens.

Nem descobertas. Rotos estão os horizontes. A
vida se gasta.

Ao Cantor resta sòmente beber as velhas emo-
ções, acres como vinagre.

E já doem os olhos na contemplação fixa da
curva onde a Amada poderia aparecer, de
repente, como uma aurora liberta de todos
os relógios.

A desesperança das surpresas burocratiza o co-
ração, miseravelmente transformado num
acessório estatal.

A hora é espessa – mas não pela ausência de luz, que os dias nela se banham; ou mais, nela se encharcam. Mas porque não há mais desvãos, segredos ou receios ocultos onde o sol possa penetrar, revelando, dando vida ou apenas ressuscitando.

II

Desgraçada hora espessa, grossa como um óleo escuro.

Tôdas as raízes apodrecem dentro de ti, vítimas do teu estrume envenenado.

O que podia ser maravilhoso e surpreendente, ou somente cálido, é, por culpa tua, apenas trivial. E por culpa tua – as amarguras de todos os tédios amassando os sonhos, que também já se graduam.

Oh! horror. Oh comum pesadelo que tanto aborrece, repêtido como um fantasma rotineiro.

III

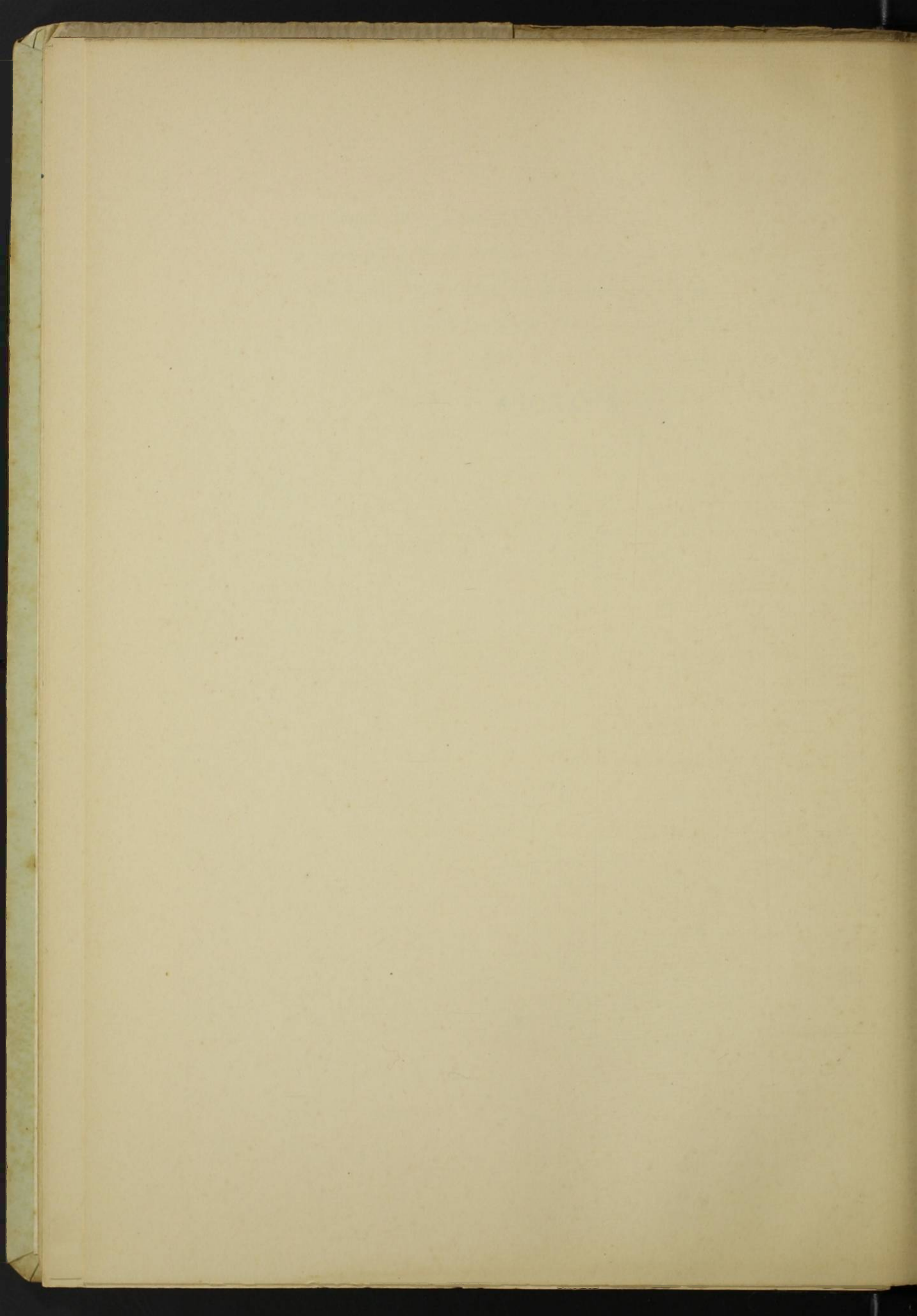
Opressiva desesperança!
O bonde crescendo as noites
e a névoa se rompendo, trivial, como sêda podre
Nenhum passo se aventura além do perímetro
urbano
e contudo o mundo ainda não foi revelado.

Depois do último subúrbio
os mistérios se multiplicam
vozes desconhecidas transmitem anúncios
sementes se abrem no chão
Mas de tudo vem só uma sugestão longínqua
que se derrama e se apaga na mesma mesa do
bar.

Sòmente um pouco de asfalto
a vida num compartimento estanque
como uma cela onde as vontades se fecham
E um céu pesado e duro como uma porta sem

uso

POEMA



BOGOTÁ, 1948

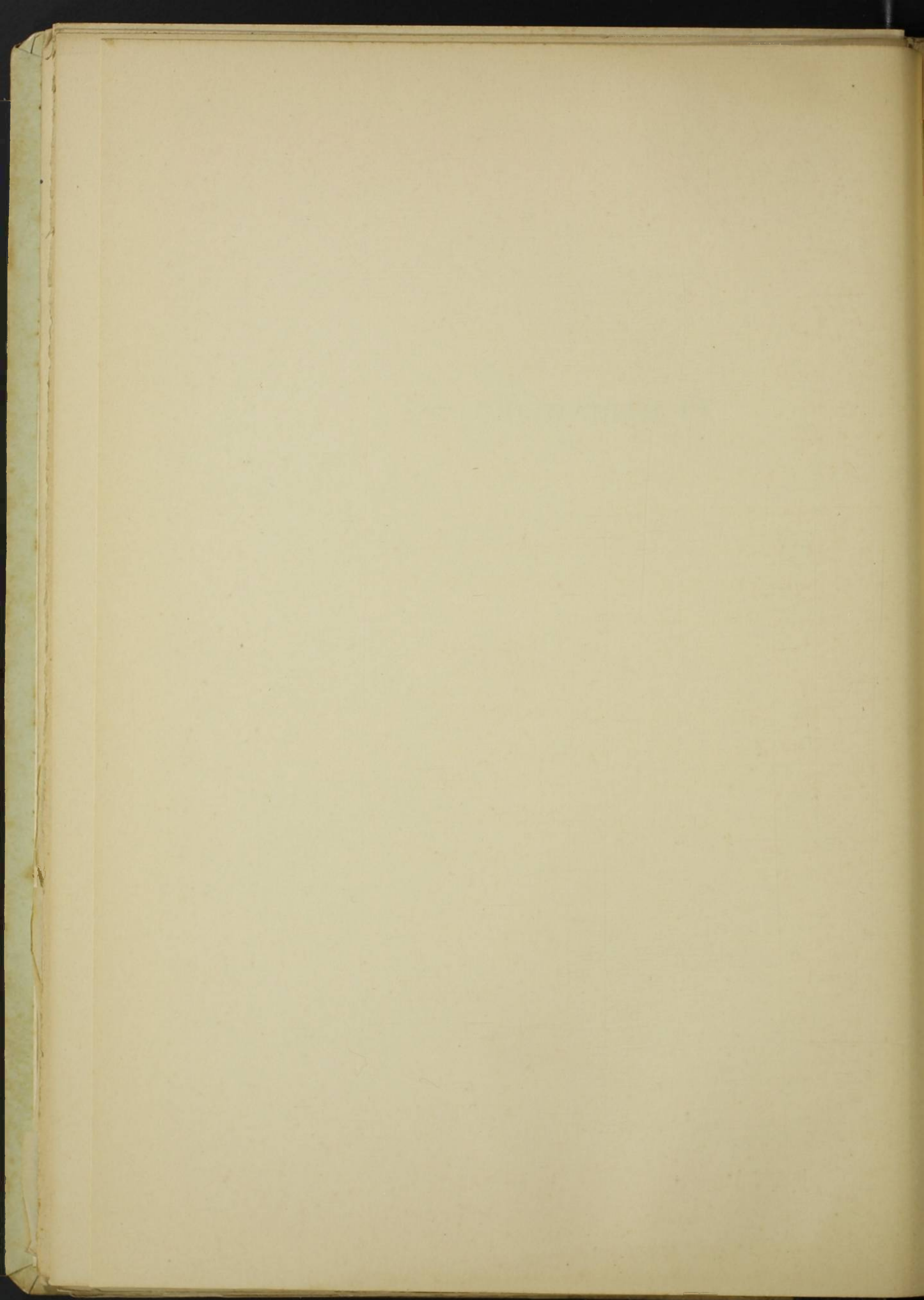


146/200

No primeiro instante
o grito de guerra rouquenho e estrangulado
e crispados dedos de fogo forrando o céu de
uma estranha aurora úmida

Ainda ontem um sol friorento
e tranquilo
apascentava as sabanas e os cerros
Mas as horas sofreram um corte profundo
e agora a cinza amortalha os cadáveres

O MARINHEIRO



O mundo é uma grande ausência
e o que está à nossa frente ou à vista
se repete e enfastia
Por muito contempladas
as colinas se encolhem e murcham
como seios machucados
O fantasma doméstico surge pavoroso
e afoga na sua cinza o plano mais viável
ou o sonho mais covarde

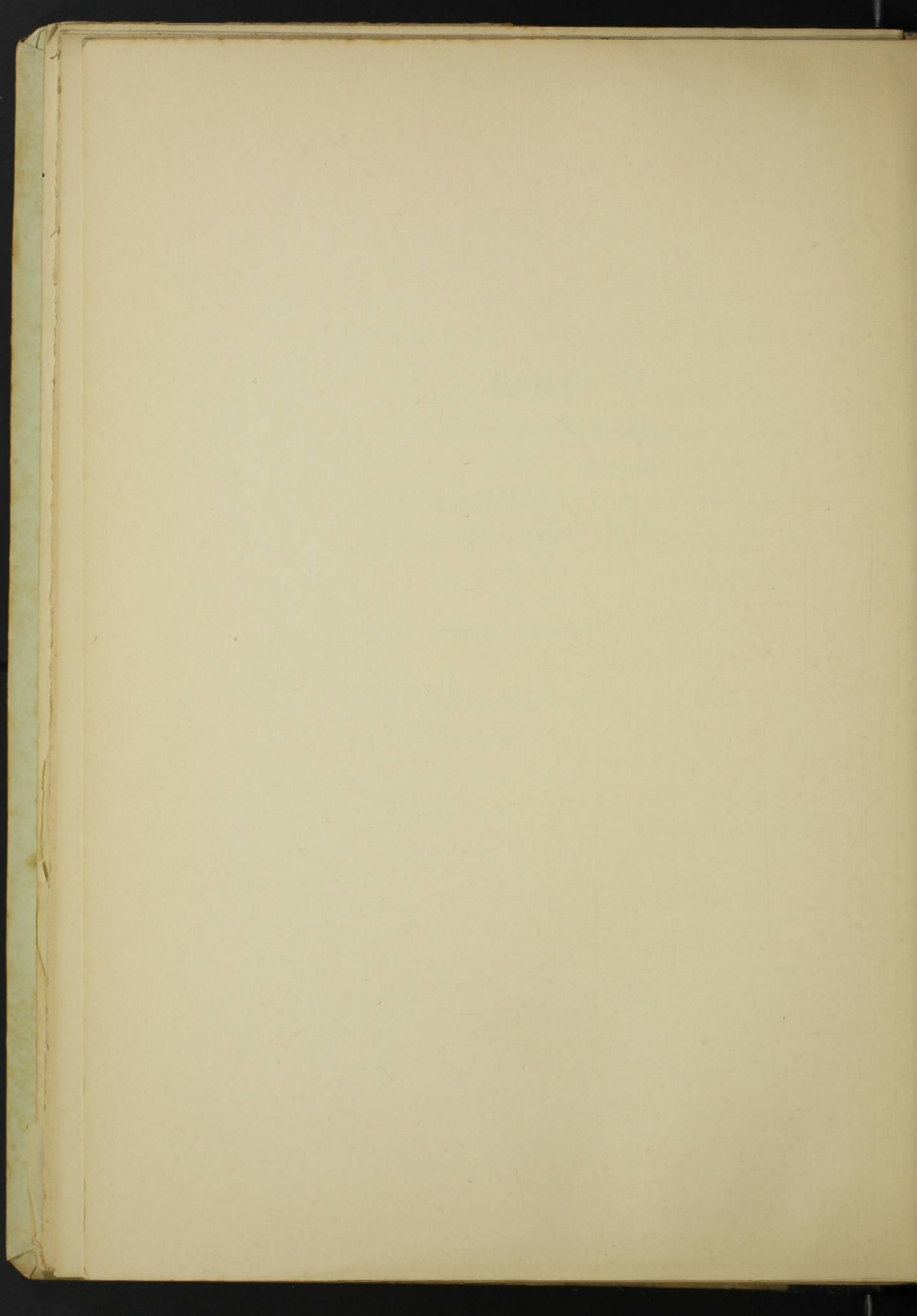
Meu Deus, Leonor, a tanto caímos !
Estradas do mar, não mais para nós
Nunca mais uma aurora em cada porto
Nunca mais a alegria tão pura de enviar aos
amigos cartões postais

Nunca mais os ventos livres
as viagens sem rota
Nunca mais a inocência que era a nossa
inocência de dois vagabundos sem amarras

Ao invés de todos os horizontes, as pequenas
coisas de derredor
– a grama da prefeitura onde é proibido pisar
e o mar que leva apenas a Niteroi

Leonor, Leonor ! O peito arfa e um dia reben-
tará !
É peito de marinheiro amarrado à terra
Um dia rebentará !

O VERSO



Um verso — sòmente um, estendido como uma estrada sem desvios ou como uma vaga perene, levando e devolvendo as emoções. Não apenas os momentos ainda vivos, mas tôdas as horas, mesmo as mais distantes. Não teriam os olhos que voltar atrás e se ferir na busca do que já não se mostra, diluído pelo tempo; e ao coração necessitado estariam sempre presentes os minutos que deixaram marcas profundas.

&

Um verso sòmente, apenas um, removendo a pátina e se estirando do princípio ao fim, na sua música uniforme. Como nos caminhos longos, o corpo e os sentidos poderiam descansar à sombra do que fôsse revivido ou sonhado, sem que as angústias tivessem que perseguir bálsamos impossíveis ou o peito inquieto cansasse em busca de cantos novos. Que tudo há-de viver no Verso, escondido ou apenas disfarçado no seu estranho tecido composto de mil apelos, mil gritos, mil respostas e mil raízes.

&

Escreva o cantor êsse Verso em letras definitivas; escreva-o com lágrimas e sangue, com tôdas as inquietações, com as alegrias tôdas, o mêdo e a dúvida. Que Ele seja escrito quando estiverem despertos todos os sentidos ou quando mais doam as chagas.

&

Que Ele seja escrito sem tremor na mão, sob um sol a pino.

BLUES



146/290

Cinquenta centavos de música colorida
– mas de que alma estraçalhada saíu tanto la-
mento?

Ronco do mar, cóleras e covardias,
tôdas as baixesas
Sôbre vícios e ternuras, o largo e pôdre coração
Cada nota é uma veia latejando
e a melodia se estende como um corpo pedindo
perdão

Imagino Hermengarda estirada no colchão de
molas
as pernas entreabertas e o princípio das coxas
ainda úmido
—pela centésima vez o sexo assassinado
Minutos antes, os dois seios gritavam como cla-
rinetes
e havia lanças de guerreiro em cada ponta dos
dedos

Agora o corpo pede perdão
e em vez do coração apodrecido de desejos
apenas e no mesmo lugar um triste músculo
bocejando de cansaço

Canto a FIRENZE

I

A guerra espalhou pelo teu corpo
feridas estranhas: banheiros coletivos, *music*
box, depósitos de munição
e *rest camps*

De dia ficas como uma pintura surrealista
com fios telefônicos enrolados nas estátuas
e tuas árvores frutificando taboletas numeradas

As pétalas dos teus jardins
são agora envólucros coloridos de chocolate
americano
e naturalmente já puseram o murmúrio de teu
rio em ritmo de fox

Amputaram tuas pontes
para te deixarem sem ação, trêmula e desar-
mada

Que armas possuis, além de teus quadros e
esculturas
encaixotados em túmulos de tijolo ?

Não importa, és a minha amada
Algida, nua, humilhada Firenze
és a minha amada
Espero que desça a noite
Então, como a lua, surges tu mesma
enrolada no palor lunar
que foi a única clâmide que não te rasgaram
A sombra apagou os fios e adormeceu a meca-
nica aliada:
não funcionam os botões dos elevadores
os comboios navegam distantes pelas estradas
e um tranquilo rio de *cherry brandy*
embala sargentos, soldados e oficiais
És agora a minha Firenze
Namorada de prata

noiva com véu
amante que é impossível esquecer
oh! Firenze, minha amada

Sim, sei. Também pertenço à misturada fauna
que te transformou num jardim zoológico
E o *War correspondent* do meu *jacket-field*
revela a ti, espantada, a minha espécie animal
Mas, oh! atravessa êste peito meu com qual-
quer punhal Medici
e arranca as verdades, tão outras, do coração
que resta puro

II

De ti não levarei os *souvenirs* que preparaste
para o fácil gôsto dos batalhões
– nem teus brocados, nem tuas miniaturas,
nem a conversa gasta dos ciceroni
Quero de ti o que tens de eterno, que é o teu
corpo
– curvas de Boticelli, músculos de Miguelangelo
e o rosado dos anjinhos de Guirlandaio
E se me deres um dos teus muros plantá-lo-ei
no meu quintal
A primavera te revelou
e agora é possível descobrir em tuas ruas e em
tuas vozes
um pouco de cada namorada
e também a felicidade de saber que os amores
passados estão mortos
e que és, Firenze, a definitiva amada

III

Firenze

minha amada

chegas pontual para o encontro do Lungarno

quando o sol morre com as orquestras

e o silêncio dá a teu fiume a verdadeira voz

Uma viela medieval ou uma casa de esquina

na periferia

são agora pontos de namorados

Ou sòmente, quando és mais aflita, alguns me-

tros das destroçadas margens do teu rio

Restemo-nos aqui, portanto

e não nos percamos nos atalhos e canteiros do

casine

onde é tão fácil esbarrar com um caporal sul-

africano

com um bêbado pracinha de North Caroline

e onde Franz e Heinrich deixaram corações
sangrando nos troncos

Para ti o leito não importa
rainha da noite
que a noite é a tua alcova

Oh! Firenze, minha amada
Conta-me teus sonhos
Diz-me de tuas apreensões
Enrola em mim teus membros tiritantes
e transforma em agasalho êste caldo corpo bra-
siliano

Desagua em mim os teus desejos
como se expulsasses as águas do Arno para um
leito vazio de mar

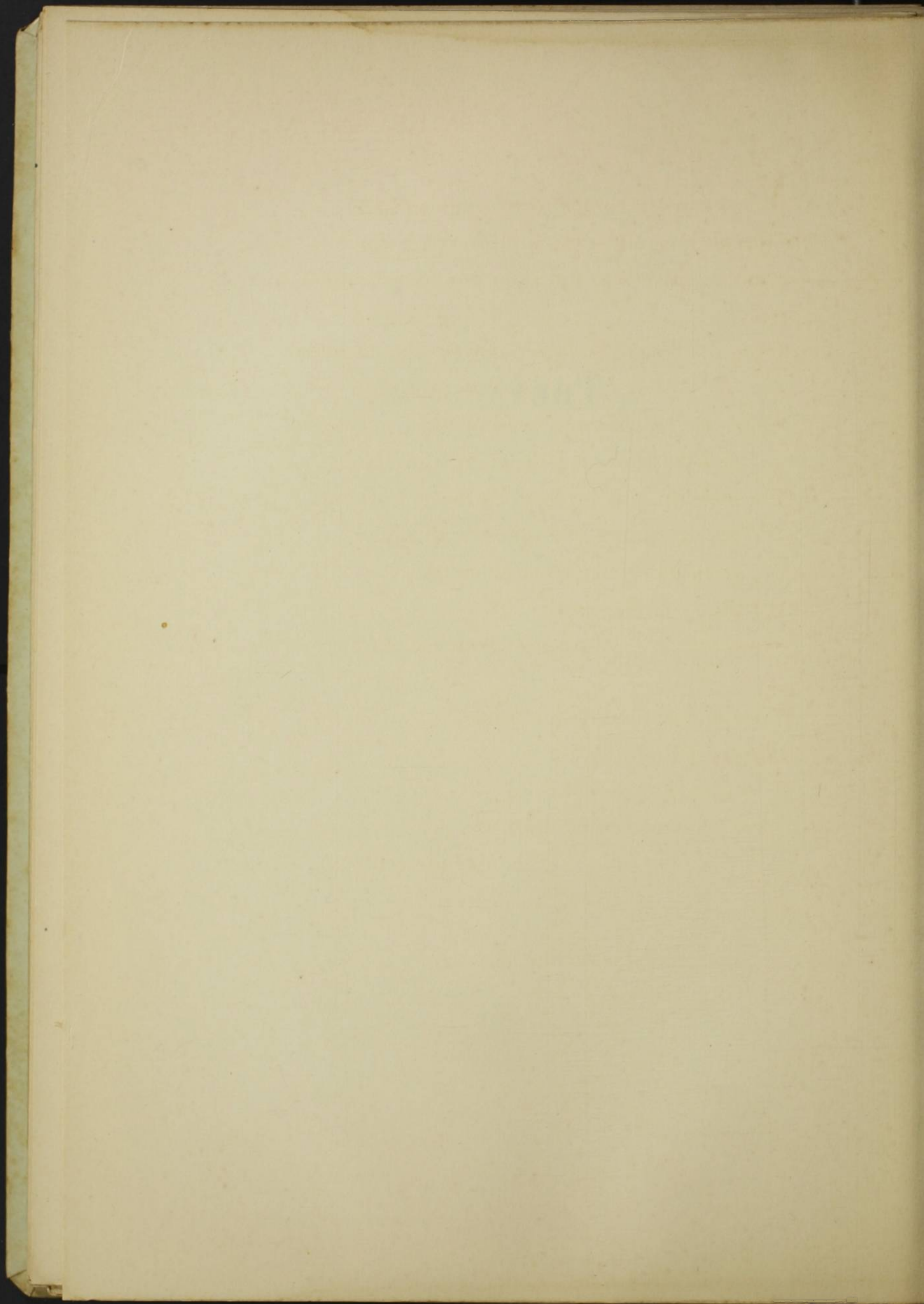
Oh! Firenze, minha amada
Os homens discutem o teu destino político
Mas as assembléias não apodrecerão tuas coli-
nas

IV

Namorada de prata
noiva com véu
virgem enrubecida pela vergonha
– grazie tanto a ti, Firenze
Grazie a ti pelo teu amor
pelos encontros a que nunca faltaste
Grazie a ti – pela canção a que obrigaste
a torta lira d'êste cantor rouco
há tanto tempo sem função

Grazie tanto a ti, Firenze
minha noiva
pela serenidade diante das contingências
pela tua luz, pelo teu pudor
grazie tanto pela tua alma que não se rende

TREVA



Vê que o teu coração bate mais pausado
e que os teus olhos vão muito mais longe
como se estivessem forçando um mundo infini-
to e elástico

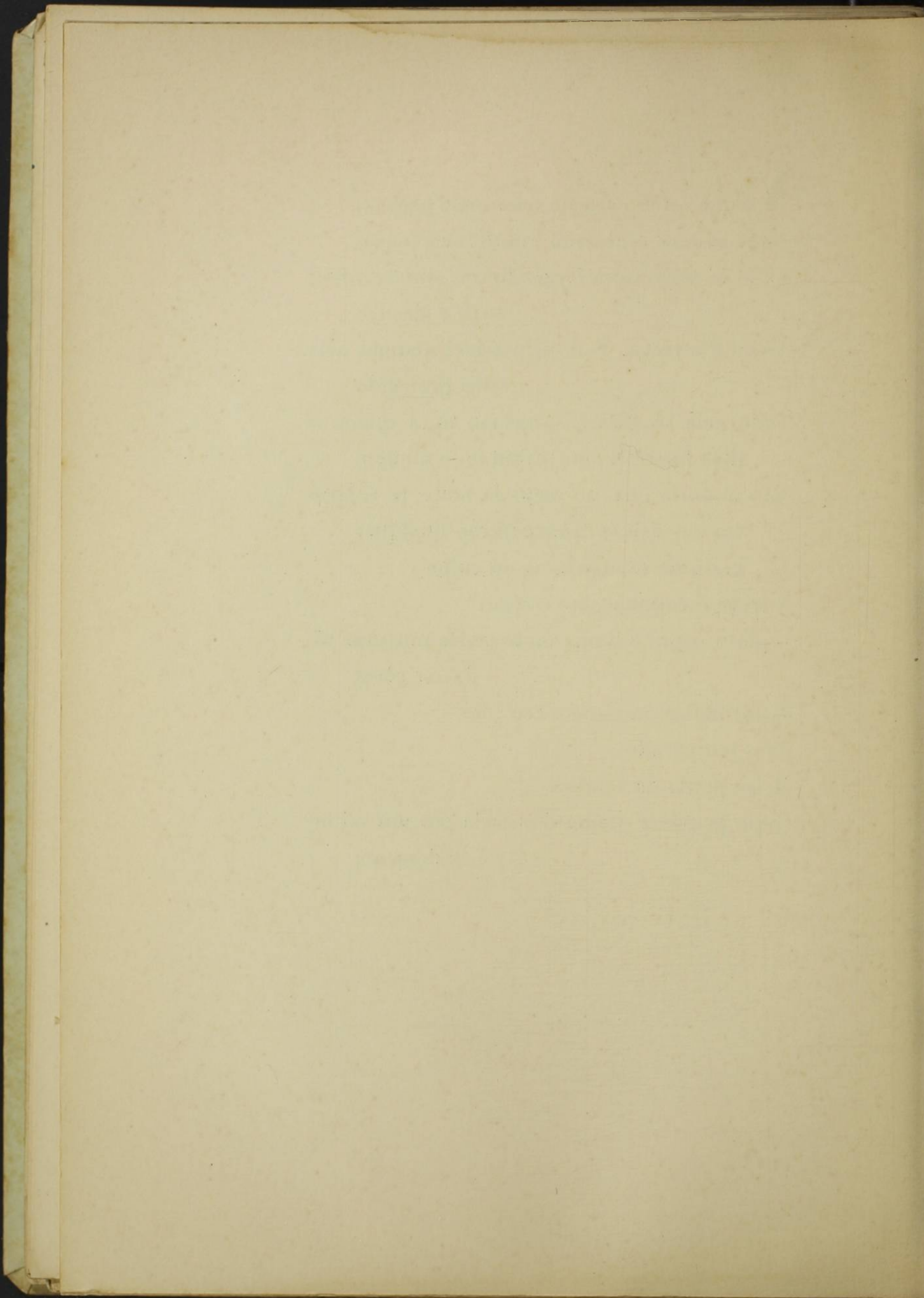
Assim é a treva. Tudo é possível quando nela
estás protegido

Tudo nela se afirma – mesmo tu, a quem os
dias frustram, amedrontam e anulam

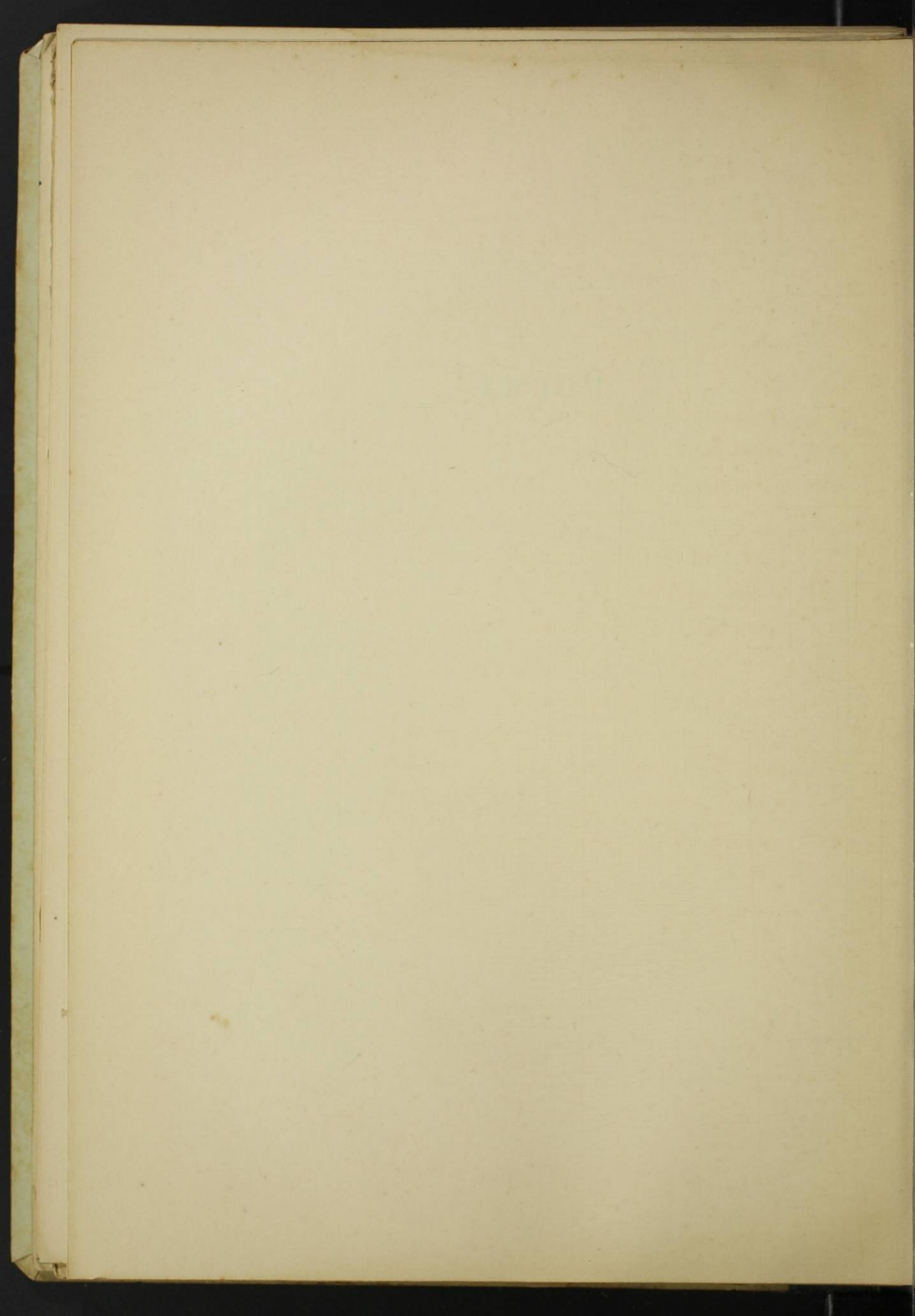
Não importa que, no meio da noite, te rubori-
zes ou deixes transparecer qualquer
gesto de repugnância ou culpa

A treva é complacente e cega
– placa negra e limpa onde podes misturar tô-
das as côres

E por maior que seja o teu luto
ou o teu pecado
êle se perde na sombra
como pequena chama devorada por um sol in-
candescente



POEMA



Porque não há trégua na quotidiana amara-
gura

os versos nascem todos desgraçados
e certamente maus

Os caminhos ficaram gastos
as mulheres se repetem
e é ridículo dar amor a alguém que amanhã es-
tará murcho

e que jamais devolverá nossas cartas
Contra as horas, tão inúteis
vale apenas a solução dos bêbados

Onde estão os perigos desta vida?
Quero-os todos para mim, aqui ou longe
Para êles o melhor entusiasmo
E que sôbre êles o amor e a alegria se debrucem
como rosas abertas num campo minado

O FANTASMA
inconformado



Mêdo de que êste amor não morra de todo
e como um fantasma fique rondando as vigílias
Aos ouvidos estão proibidos certos trechos de
música

e os olhos devem se fechar a determinadas por-
ções da paisagem

Algumas cidades não poderão ser visitadas
O mundo será diminuído de alguns quilômetros

Cuidado, muito cuidado ao dobrar uma esquina
O fantasma, com as vestes e os cabelos do amor
perdido

poderá estar postado num poste alvoroçado de
mariposas

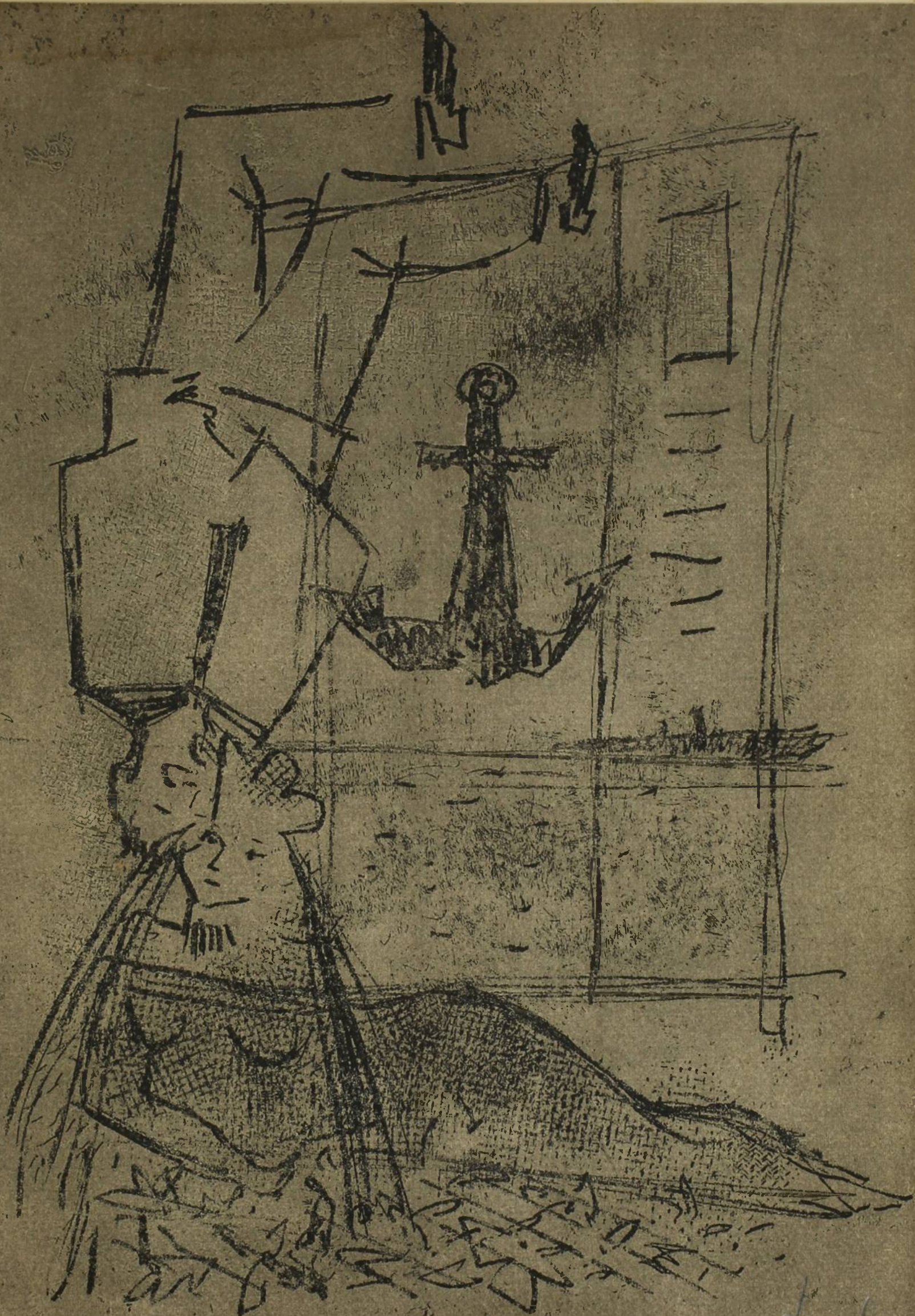
ou encostado a um muro limoso

Ao abrir despreocupado uma gaveta, cuidado,
muito cuidado
que o fantasma talvez fuja de um envelope azul
ou de um recado esquecido

Em certas horas, temeroso será atender ao te-
lefone
que a voz do fantasma se esconde do outro lado
e mesmo que não fale, seu será o silêncio
— calado, êle estará avisando que permanece
atento e inconformado
e que suas raízes, indiferentes à copa decepada
continuam a se alastrar como uma moléstia sem
cura

Se não adormece bêbado
fácilmente o espírito dêle será dominado
e lágrimas rolarão, plangentes, sôbre o traves-
seiro

Mais cuidado ainda com certas partes do corpo
onde ficaram marcas de mãos
onde apertaram dedos no melhor instante
e por onde roçaram cabelos mornos
Tais são as raízes. Se não podem elas ser de-
senterradas
e atiradas longe, em terra sáfara
mais roxas com os dias serão as marcas
e mais dolorida a lembrança dos contactos



196
200

del

POEMA

Andar tanto tempo
para descobrir que o mundo é do teu tamanho
Que em ti estão portos e clareiras
todos os mares e rios
as falas tôdas
e mais as emoções ainda não sentidas
mas anunciadas como promessas

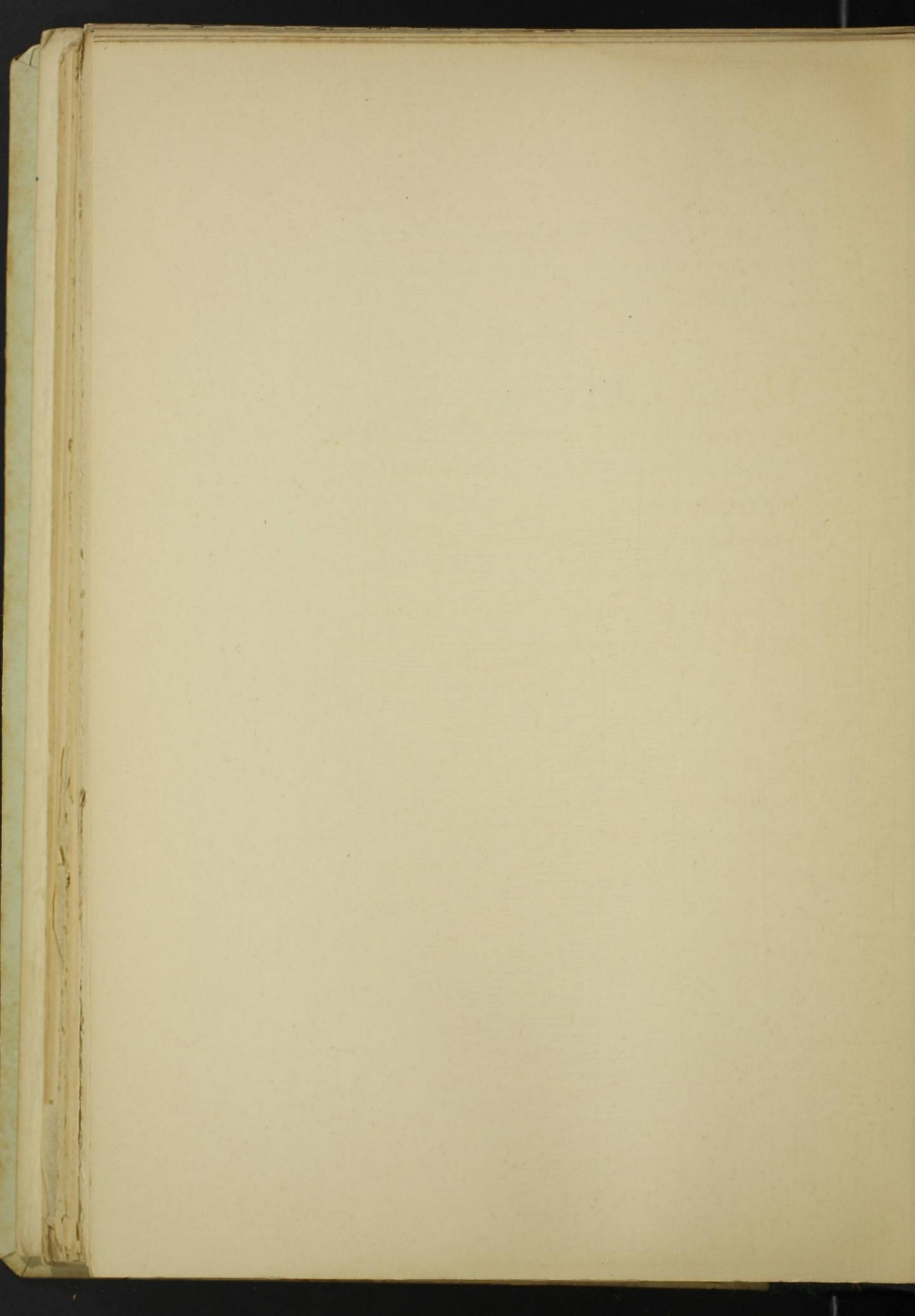
Andar tanto errante e cego
quando o mais certo seria dar-te o braço
Côres do céu surpresas dos caminhos
as vozes tôdas – tudo em ti

Aquêle que se julgava senhor das rotas
era apenas um marinheiro desarvorado
As mulheres e os cantos passaram como mares
e deixaram sòmente um acre cheiro de salsu-
gem

Vem. É hora do definitivo entendimento
Ainda restam as pequenas distâncias que são
nossas
e os pequenos assuntos

Tudo isto não é menor
nem menos importante que a restante geogra-
fia

ELEGIA



Dói perder-te

Dói principalmente saber que não há uma só
palavra

que te possa trazer de volta

Ainda há pouco eras real como o dia

e tudo o que vinha de ti

– um gesto, um sorriso, o calor da bôca –

prometia a perpetuação do tempo que fizeras

nosso

Agora estás definitivamente perdida

Perdida como o dia de ontem

e como o verso esquecido

A LAMPADA

Acredito às vêzes ver acêsa a Lâmpada do
Senhor

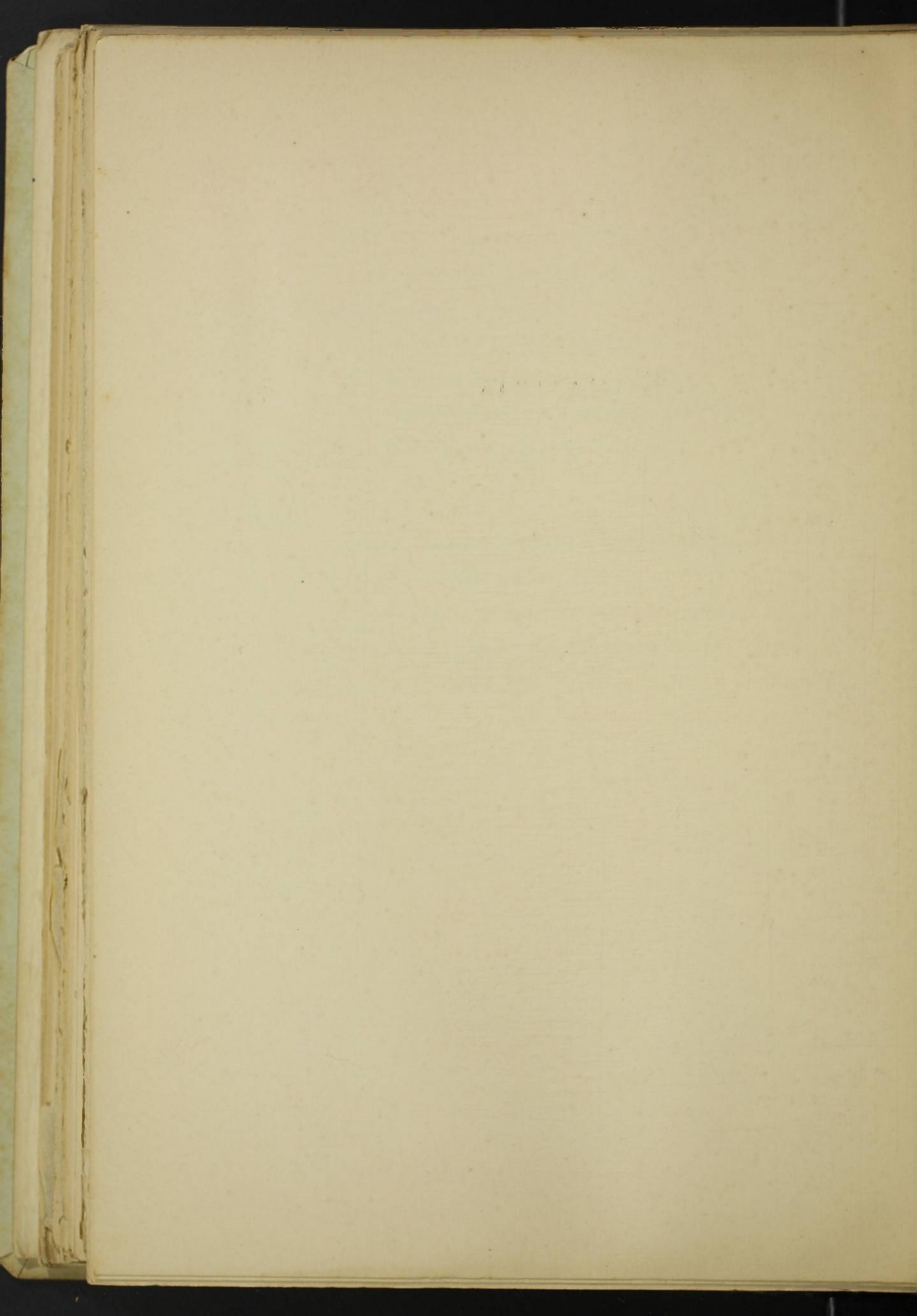
e sôbre a escaldante fronte sentir
como uma chuva de orvalho
o Bálsamo e o Oleo

É a sua lâmpada, sim
Nem outra poderia
de tanta claridade me cercar
Nem outra teria jamais
essa fôrça de restaurar uma fé coberta de limo
e de libertar, intactas, as pequenas esperanças
sufocadas no quotidiano

Acêsa está a Lâmpada, clara e sábia
acêsa diante de mim, que me prostro
Mas quem A acendeu?
O Amor? Uma graça alcançada?
Ou apenas o Mêdo
o terrível Mêdo dos fantasmas e abismos
no último minuto revelados?

Apagai, apagai, Senhor, Vossa Lanterna
Não me torneis nu e sòzinho
Aos outros não reveleis a minha sombra
que mais negra e mais compacta se faz
dentro de Vossa luz

ROMA, 1945



Minha lira é nova
e de tenras cordas
Impossível cantar tua Eternidade
Canto as tuas coisas frágeis:
os balilas vencidos que dormem nus no Coliseu
as moças do gallopatoio
tuas mulheres de cinco mil liras agoniadas pe-
la inflação
(são belas, contudo, e o dinheiro fazemos nós)

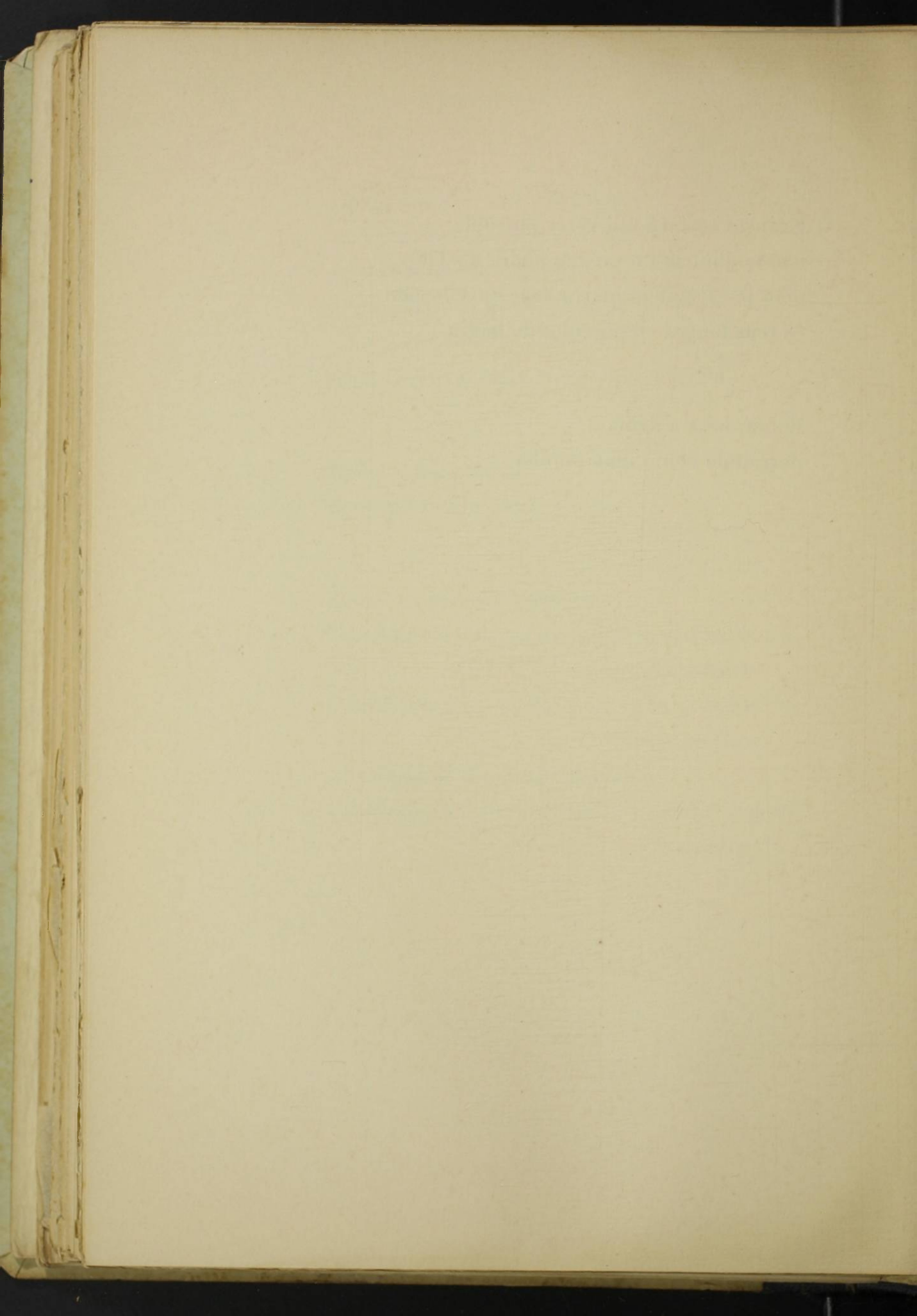
Canto também tuas bicicletas
as bailarinas do Rupe Tarpeia
os teus fasci mutilados
as jovens mães da Vila Borghese
e a rubra bandeira bolchevique
agora livre em cada esquina do teu céu

Roma, loba e águia
derrotada como uma pomba

Esboroou-se o teu estilo litório
Teu Império começa na Calábria e esbarra nos
Apeninos
O leite não vem da Toscana onde as vacas fo-
ram mortas
As máquinas são tôdas aliadas
e sòmente os teus muros estão grávidos mas de
exortações

Exausta cortezã mil vêzes possuída
não te alimenta o sangue pôdre do Tibre
nem te escondem mais a face envelhecida
os teus longos crepúsculos de baton

Roma, loba e águia
derrotada como uma pomba



O MARINHEIRO
acorrentado

Pequeno, mas infinito, o pedaço de mar
que a janela mostra
A fita azul entre os dois arranha-céus
se desliga da areia fulva
e leva a atormentada memória do marinheiro
sem navio
à certeza invisível de mundos apagados

Ali, no retalho líquido, tempestades e ventos
desfazem e recompõem a marca dos caminhos
Nas noites de escuridão agreste
vem daquele trecho de mar
o hálito pôdre dos deuses abissais

e sobe do fundo das águas
o rouco blasfemar dos tritões em luta

Tudo isso o marinheiro acorrentado
adivinha no pedaço de mar que as paredes
apertam

Tudo isso presente o seu coração
que a ausência das rotas
transformou numa pequena medusa
(ardente e medrosa)
atirada à praia





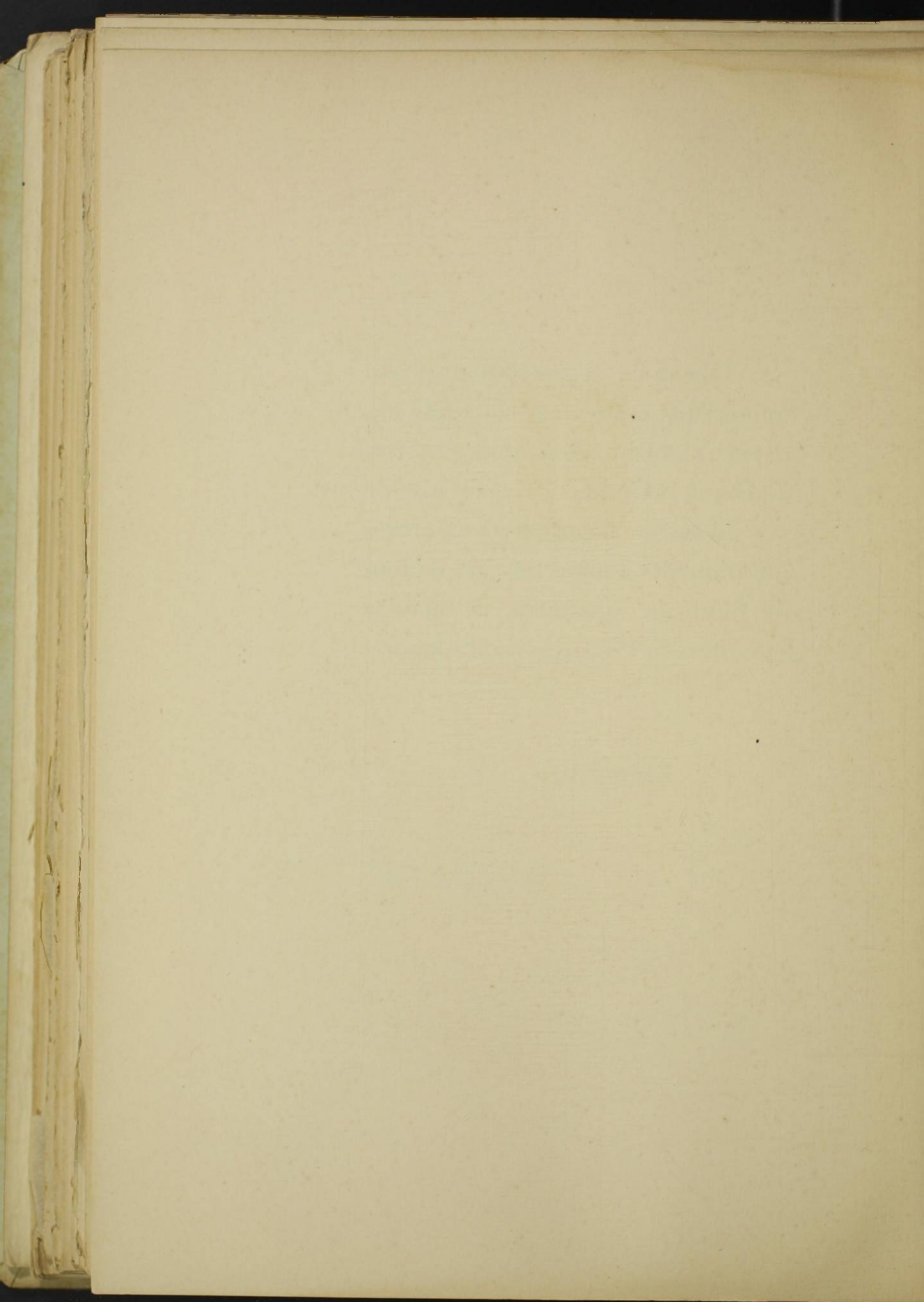
INDICE

<i>O marinheiro e a noiva</i>	15
<i>Angústia do marinheiro</i>	19
<i>Canto humilde</i>	23
<i>Canto espesso</i>	27
<i>Poema</i>	35
<i>Bogotá, 1948</i>	39
<i>O marinheiro</i>	43
<i>O verso</i>	47
<i>Blues</i>	53
<i>Canto a Firenze</i>	57
<i>Treva</i>	67
<i>Poema</i>	71
<i>O fantasma inconformado</i>	75
<i>Poema</i>	81
<i>Elegia</i>	85
<i>A Lâmpada</i>	89
<i>Roma, 1945</i>	93
<i>O marinheiro acorrentado</i>	99

Edição de duzentos exemplares numerados, assinados pelo autor, em papel «Victoria», com cinco gravuras de Darel, realizadas pelo processo de «verniss mou». Composto e impresso inteiramente a mão, em tipo Bodoni de fundição espanhola, de maio a setembro de 1953, no Rio de Janeiro

Exemplar n. 145

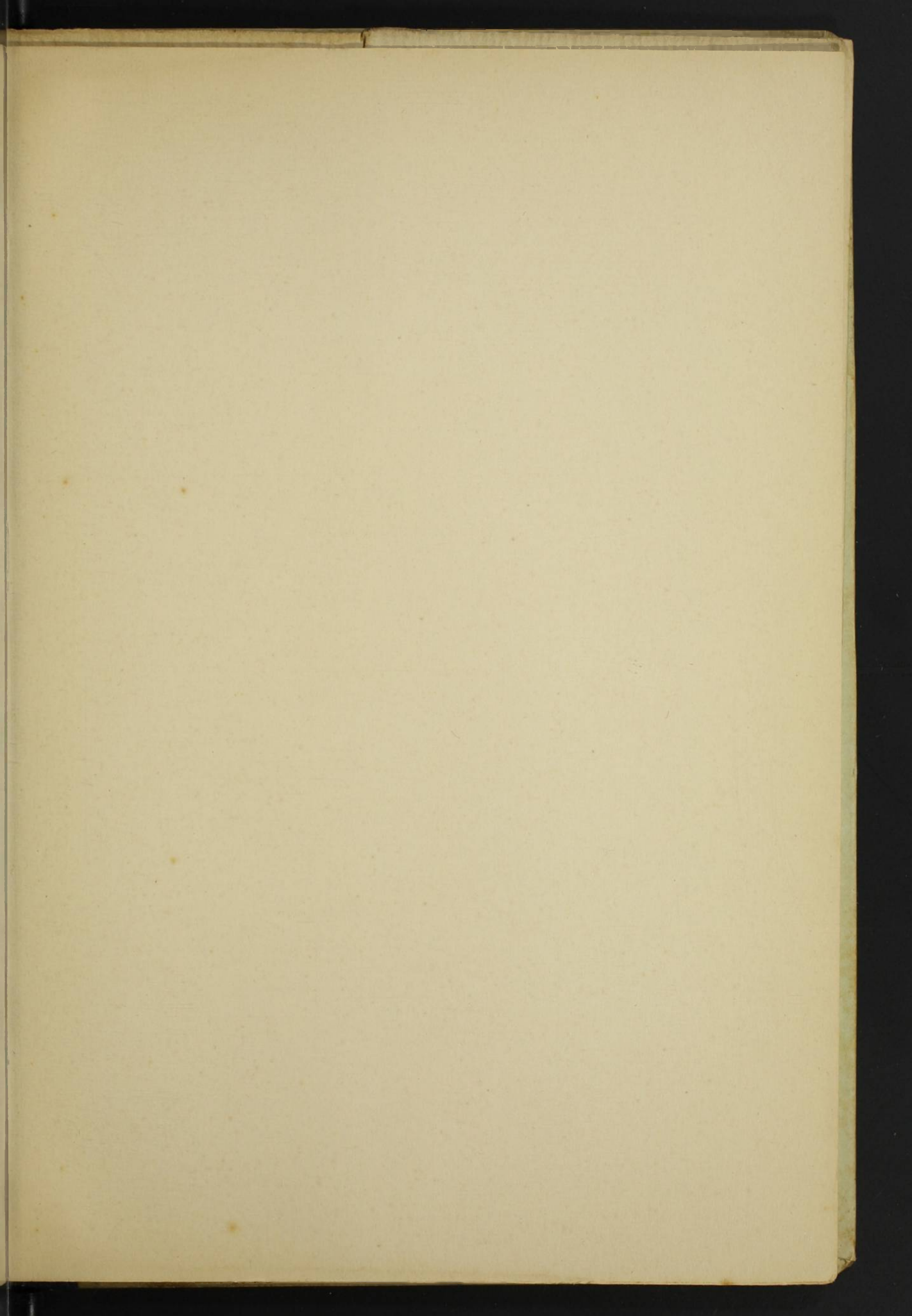
Leopoldo



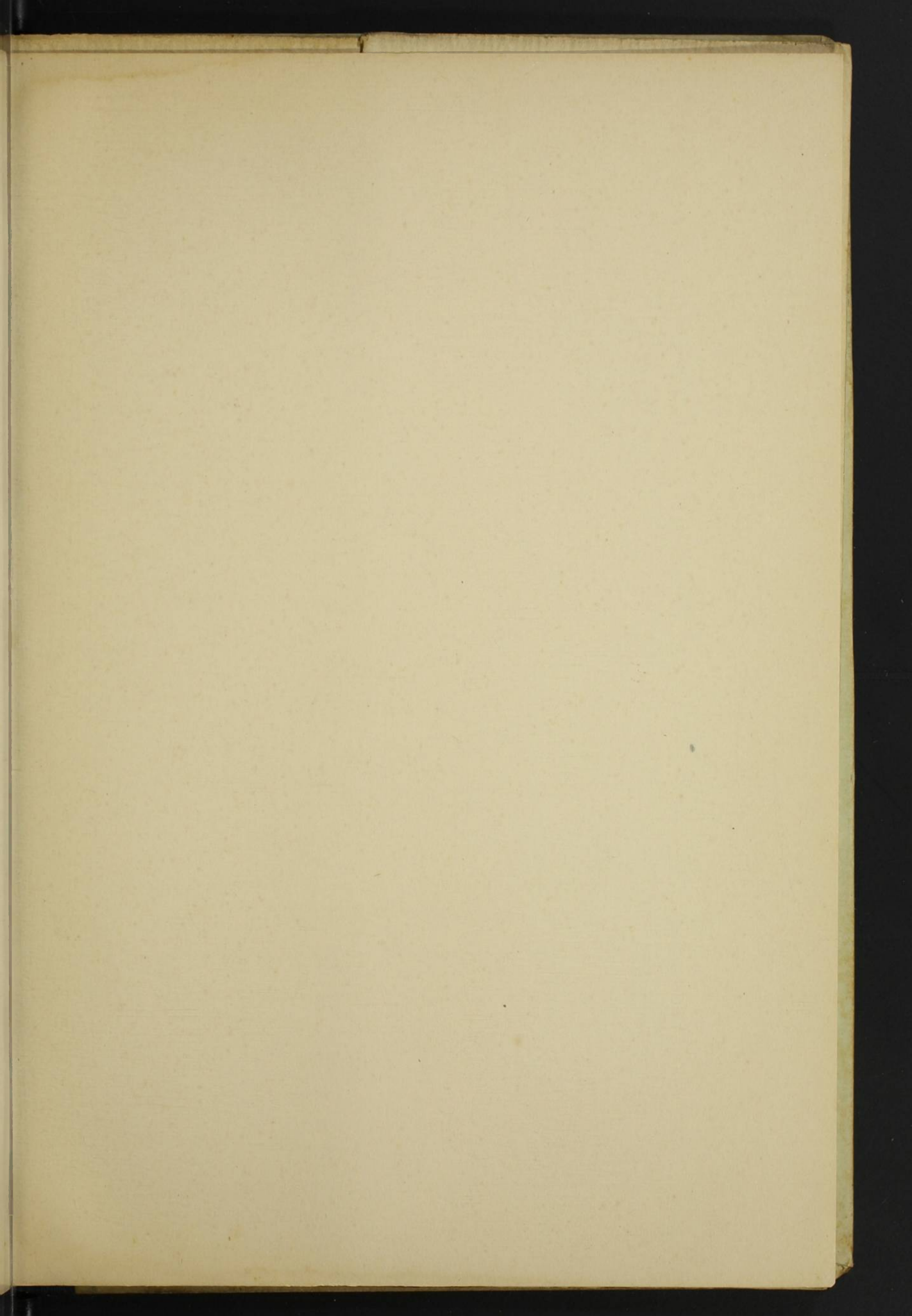


projeto e realização
de
João Cabral de Melo













1937

